

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacentro (RDC), PUC-Rio

**Ser e viver o veganismo: proposta para o design da
humanidade**

Neide Schulte, Denise Portinari e Ilma Godoy

UDESC - DINTER

neideschulte@gmail.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

Ser e viver o veganismo: proposta para o design da humanidade

sustentável

**Neide Schulte
Denise Portinari
Ilma Godoy**

Resumo: A questão abordada neste artigo faz parte da pesquisa de doutorado da autora. Apresenta-se a história e a proposta do veganismo, e desenvolve-se uma reflexão sobre a dificuldade dos adeptos a esse modo de vida em consumir produtos básicos no seu cotidiano. Veganos procuram praticar um consumo consciente, não consomem produtos de origem animal ou testados em animais, além de evitarem produtos que durante seu ciclo de vida causem muitos danos ambientais. Segundo a proposta do veganismo, para que a humanidade possa ser sustentável é preciso um design que projete um modo de vida menos destrutivo, mais ético.

Palavras chave: veganismo, consumo consciente, design ético.

Introdução

No modelo de sociedade construído e estabelecido, ser vegano e viver de acordo com a proposta do veganismo é um desafio diário para os adeptos a esse modo de vida. Da alimentação, vestuário, transporte até as demais necessidades diárias de uma pessoa vegana as dificuldades são numerosas. O mundo não foi projetado para um consumidor/usuário consciente dos impactos ambientais e sociais de suas escolhas, por isso, muitas vezes, os veganos deixam de consumir, pois além de muitos produtos conterem produtos de origem animal, quando não contem, podem ter sido testados em animais ou ainda causarem muitos danos ao meio ambiente natural durante o ciclo de produção e pós-uso.

O design para uma sociedade sustentável, de acordo com a proposta do veganismo, deveria evitar toda forma de exploração e violência, sejam contra animais, humanos ou o planeta. Mas o modelo de produção e consumo que tem se projetado cria, por exemplo, a necessidade da transposição de grandes rios, que afeta a biodiversidade de imensas áreas, devasta grandes áreas de matas para pecuária o que pode gerar, entre outros problemas, a desertificação. Além desses dois exemplos, muitos outros podem ser citados, pois para satisfazer o bem estar do ser humano, cada vez mais dependente de

inúmeros objetos, o planeta está sendo destruído como um móvel atacado por cupins. Qual a solução?

Para Capra (1996, p. 23), “há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores”. Capra afirma que estamos no princípio dessa mudança fundamental de visão de mundo na ciência e na sociedade, que ele compara com a revolução copernicana. Contudo, o reconhecimento de que é necessária uma profunda mudança de percepção e de pensamento para garantir a sobrevivência humana ainda não atingiu a maioria dos líderes das corporações, nem os administradores e professores das grandes universidades.

O veganismo (que não é ensinado nas escolas, universidades) propõe um modo de vida menos destrutivo. Mas tanto a proposta, quanto o significado da palavra veganismo, ainda são desconhecidos pela maioria das pessoas, segundo pesquisa realizada pela jornalista Silvana Andrade criadora da ANDA, Agencia de Notícias de Direitos dos Animais¹.

A história, a proposta e a definição da palavra veganismo são apresentadas a seguir para conhecimento e para se entender de que forma o design pode contribuir para uma sociedade sustentável partindo de um modo de vida mais simples e ético.

Veganismo, consumo consciente e design ético

Veganismo é o mesmo que vegetarianismo estrito, ou ainda, vegetarianismo profundo. Veganos não consomem nenhum produto de origem animal, nem fazem uso de animais para trabalho, experimentação, entretenimento, entre outros. O termo veganismo surgiu no século XX, mas o vegetarianismo não é recente, na realidade, ele tem uma longa história. Brahminismo, budismo, jainismo e zoroastrismo, todas estas religiões há muito estabelecidas, defenderam a abstenção da carne com alimento, como fizeram também alguns dos primeiros filósofos e pensadores: Pitágoras, Sêneca,

¹ A jornalista foi palestrante no 12º Festival Vegano Internacional que se realizou no período de 22 a 25 de julho de 2009, na PUC do Rio de Janeiro, onde apresentou a pesquisa que fez nas ruas perguntando para as pessoas qual era o significado da palavra veganismo. Ela é criadora do site <http://www.anda.jor.br>

Ovídio, Diógenes, Platão, Plotino e Sócrates (embora, na verdade, não se saiba se eles todos praticavam o que pregavam).

Singer² afirma que a perspectiva de que devemos evitar comer carne ou peixe tem raízes filosóficas remotas. Nos Upanishades (c. 1000 a.C.), a doutrina da reencarnação levava à abstenção de carne; Buda ensinava a compaixão por todas as criaturas capazes de ter sensações; os monges budistas não podiam matar animais nem comer carne, a menos que soubessem que o animal não havia sido morto por sua causa; o jainismo pregava a *ahimsa*, ou a não-violência em relação a qualquer criatura viva e, portanto, a não ingestão de carne. Segundo Singer, na tradição ocidental, o Gênesis sugere que os primeiros seres humanos eram vegetarianos e que a permissão para comer carne só teria sido dada após o dilúvio. A partir daí, o vegetarianismo encontra pouco apoio nas escrituras judia ou cristã, ou islâmicas. O vegetarianismo filosófico, por sua vez, foi mais forte na Grécia e na Roma antigas; foi defendido por Pitágoras, Empédocles, Plutarco, Plotino, Porfírio e, em algumas passagens, Platão. Os pitagóricos abstinham-se de todo o alimento animal e isto se devia, em parte, à crença de que homens e animais partilham a mesma alma e, ao que parece, por considerarem esta dieta mais saudável. Platão partilhava parcialmente estas duas ideias. O ensaio de Plutarco, *Sobre Comer Carne*, escrito em fins do século I ou início do século II de nossa era, é um argumento detalhado em defesa do vegetarianismo, apoiando-se nas ideias de justiça e tratamento humano dos animais.

Portanto, a discussão sobre o vegetarianismo e os direitos dos animais é antiga e está presente nas tradições filosóficas ocidental e oriental³. No oriente, tem como base as religiões fundamentadas sobre a não-violência (budismo, jainismo e hinduísmo). No ocidente, tem fundamento na filosofia grega clássica, que combinava argumentos éticos e espirituais, e pode ter sido influenciada pelas religiões orientais. O advento do cristianismo retirou força do debate, que ressurgiu após o Renascimento e, principalmente, após o Iluminismo. As preocupações éticas e políticas do Iluminismo estenderam-se à questão animal. No século XIX, a filosofia moral utilitarista também destacou o dever de

² Peter Singer. Disponível em: http://www.criticanarede.com/fil_vegetarianismo.html. Acesso em: 04/06/2010.

³ A história sobre o veganismo, aqui apresentada, é uma compilação de informações apresentadas em vários sites especializados citados na bibliografia.

minimizar o sofrimento dos animais. Nessa época surgiu o bem-estarismo⁴ e as primeiras sociedades protetoras de animais e vegetarianas. No século XX, a expansão do uso de animais por seres humanos, em função do crescimento e industrialização da pecuária e da ampliação da experimentação científica pelo modelo animal, em conjunto com a ampliação do conhecimento humano acerca das espécies animais, sob a influência de Charles Darwin, levaram a uma guinada no debate sobre a questão animal, levando a críticas ao paradigma bem-estarista, à difusão do conceito de direitos animais e ao surgimento de um movimento abolicionista, em favor do fim do uso de animais pelos seres humanos.

No subcontinente indiano, o princípio da não-violência é conhecido desde, aproximadamente, os séculos VIII a VII a. C. Ele serviu de matriz para três vertentes religiosas, o jainismo, o budismo e o hinduísmo, e todas elas incorporam os animais às suas considerações morais a respeito da não-violência. De modo geral, eles condenam a violência contra animais com base na premissa religiosa da transmigração das almas, pela qual um ser humano pode reencarnar como outro animal, e na idéia de que há uma integração cósmica entre todas as formas de vida. Não se deve daí concluir, porém, que esta cosmogonia possui uma visão de igualdade entre as diferentes formas de vida, uma vez que, em geral, afirma-se que a reencarnação como animal é uma punição para seres humanos, nem que determina deveres diretos de humanos perante não-humanos, uma vez que os animais não-humanos só devem ser respeitados por carregarem a alma de um ser humano, ou porque o dano causado contra eles poderá acarretar um carma negativo para o agente da ação danosa.

O fato é que jainismo, budismo e hinduísmo preconizaram certas interdições na relação entre humanos e não-humanos. O budismo não advoga o vegetarianismo, por valorizar a mendicância como sinal de humildade e, como tal, comandar que os monges aceitem qualquer tipo de comida que lhes seja oferecido. Não obstante, o budismo comanda que os monges não pratiquem nenhum ato violento contra animais e lhes proíbe o consumo da

⁴ Filosofia que defende o uso de leis que regulamentem o uso de animais não-humanos por seres humanos, como forma de minimizar seu sofrimento sem abolir sua condição de propriedade. Glossário. Disponível em: <http://www.anda.jor.br/?p=4067> Acesso em: 03/06/2010

carne de animais abatidos especialmente para eles. Por influência do budismo, foi na Índia que foram adotadas as primeiras leis de proteção animal, no século II a. C.

O hinduísmo, em geral, comanda uma dieta vegetariana. Bovinos, em especial, são animais protegidos. O consumo de leite, porém, é defendido como uma forma de comunhão com a vaca, que é considerada uma divindade de características maternais. Por conta disso, a maioria dos hindus segue uma dieta lacto-vegetariana. No entanto, não é claro que as religiões hindus tenham sempre professado essa divindade da vaca, e que a mesma possa ter surgido por razões históricas, devido à tradição pastoril e à dependência dos indianos antigos de uma dieta rica em laticínios. O jainismo, por sua vez, comanda o respeito a toda forma de vida, e por conta disso muitos de seus adeptos adotam uma dieta vegetariana estrita, ou mesmo rejeitam o consumo de raízes (para não ameaçar os animais que vivem sob a terra) ou adotam o frugivorismo (dieta baseada apenas em frutos), como forma de poupar também as formas de vida vegetal.

No ocidente, com o advento do Cristianismo, o vegetarianismo foi praticamente abolido do ocidente. Filósofos da escolástica medieval como São Tomás de Aquino e Santo Agostinho rejeitavam a ideia de que os seres humanos tivessem deveres perante os animais não-humanos. As restrições alimentares observadas pelos cristãos jamais tinham caráter terminativo, e de modo algum se referiam a objeções morais, mas tão somente à importância do jejum como ato de humildade e penitência. A crueldade contra animais deveria ser condenada apenas na medida em que manifestasse uma má-inclinação do espírito e tendência à crueldade também contra outros seres humanos. Tais posições persistiram nas épocas posteriores à Idade Média, sendo ainda predominantes e influentes na cultura ocidental, inclusive nas perspectivas seculares e científicas. Foi assim que René Descartes, em suas *Meditações*, no século XVII, defendeu a ideia de que animais não-humanos não possuem alma nem razão, e apenas respondem a estímulos como autômatos. Embora há séculos rejeitada e desacreditada pelas evidências científicas, a concepção mecanicista de Descartes sobre os animais permanece forte no senso comum ocidental até os dias de hoje.

O debate sobre o vegetarianismo reemergiu com o Renascimento. Alega-se que Leonardo da Vinci era vegetariano, mas não há dados confiáveis sobre esta informação, como de modo geral a maioria das personalidades da Idade Moderna a quem se atribui uma dieta vegetariana. O advento do Iluminismo, no século XVIII, trouxe de volta o interesse sobre a questão dos direitos dos animais e o vegetarianismo. As preocupações políticas e éticas do Iluminismo com a liberdade e a igualdade influenciaram a reflexão sobre as relações entre seres humanos e animais não-humanos. Diversos filósofos iluministas, como François-Marie Voltaire, Jean-Jacques Rousseau e Thomas Paine dissertaram sobre o dever da compaixão para com animais. Immanuel Kant, filósofo da última fase do Iluminismo, porém, e a despeito de uma filosofia moral que inspirou o movimento posterior pelos direitos animais, rejeitava a idéia de que o ser humano tivesse deveres perante animais não-humanos, retomando a tese escolástica de que o ser humano deve ser compassivo com os animais apenas na medida em que esta indica a nobreza de caráter e sentimentos de um ser humano.

No fim do século XVIII o pastor protestante Humphrey Primatt inaugura uma longa tradição britânica no debate sobre a questão animal, com seu texto *The Duty of Mercy* (O Dever da Compaixão), em que afirma o dever dos seres humanos de ter compaixão pelos animais, por estes serem capazes de sentir dor, e critica a não-observância desse princípio como mero preconceito em favor da própria espécie (sugerindo dois conceitos chave para o movimento pelos direitos animais a partir do século XX: a sciência⁵ e o especismo⁶).

No século XIX o utilitarismo, baseado nas considerações sobre a dor e o sofrimento dos animais não-humanos, reivindicava que os mesmos fossem incorporados à comunidade moral e tivessem seus interesses e seu sofrimento levados em consideração pelo ser humano. Data deste mesmo período a criação e expansão das leis de bem-estar na Inglaterra.

⁵ Sciência é a capacidade de sentir, que engloba pelo menos todos os animais vertebrados. LUNA, Stelio P. L. Disponível em: <http://www.veterinaria-nos-tropicos.org.br/suplemento11/17-21.pdf> Acesso em: 03/06/2010

⁶ O especismo está para a espécie assim como o racismo está para a raça e o sexismo está para o sexo: uma discriminação baseada na espécie, quase sempre a favor dos integrantes da espécie humana (*Homo sapiens*). OLIVER, David. O que é especismo. Disponível em: http://www.vegetarianismo.com.br/sitio/index.php?option=com_content&task=view&id=529&Itemid=39 Acesso 12/06/2010

Na Europa continental, o filósofo austríaco Arthur Schopenhauer tornou-se um defensor da ideia de que animais não-humanos fossem portadores de direitos. Ele atribuía a desconsideração moral dos animais na Europa à tradição judaico-cristã e seu antropocentrismo. No entanto, nenhum desses filósofos europeus que pensavam a questão animal desde o Iluminismo dava especial importância à questão do vegetarianismo, o que se deve atribuir, também, às limitações de conhecimento sobre nutrição e de acesso a uma dieta vegetariana, na Europa dos séculos XVIII-XIX (Rousseau tinha uma visão favorável do vegetarianismo, mas ele mesmo não era vegetariano).

A obra de Charles Darwin, *A Origem das Espécies* (1859), e sua teoria da evolução tiveram um forte impacto quanto à consideração dos animais, no século XIX. Darwin reafirmou o fato de que o ser humano também era uma espécie de animal, destacou seu parentesco com outras espécies de primatas, e ressaltou que as diferenças entre seres humanos e outros animais não eram de tipo, mas de grau: ou seja, não haveria uma característica distintamente humana, impossível de ser percebida em outros animais; o que distinguiria o ser humano de outras espécies de animal seria o grau de desenvolvimento de tais características também presentes nessas outras espécies. A obra e o pensamento de Darwin serviram de fundamento científico para as teses dos defensores dos direitos dos animais e inspiração para a crítica do antropocentrismo e do especismo que inviabilizam o respeito aos direitos morais dos animais não-humanos.

O termo “direitos animais” foi aplicado pela primeira vez em 1892, pelo teólogo britânico Henry Salt, estabelecendo os pilares para o debate ético contemporâneo da questão animal, que teria seu epicentro na Universidade de Oxford, de onde saíram o psicólogo Richard D. Ryder e o filósofo Peter Singer.

No século XX, as leis de bem-estar animal se expandiram, junto com a crescente produção industrial de animais para o consumo humano. Na Alemanha e na Grã-Bretanha, foram aprovadas restrições à experimentação animal. A pecuária intensiva e a ampliação do uso de animais em experimentos reabriram o debate sobre os abusos e crueldade contra animais, bem como sobre os limites do paradigma bem-estarista para tentar contê-los.

O conceito de Veganismo surge em 1944, criado por Donald Watson e Elsie Shrigley, fundadores da *Vegan Society* britânica, em função da percepção

da inadequação do conceito de vegetarianismo no que concerne a uma atitude ética coerente em relação aos animais não-humanos, uma vez que o conceito amplamente aceito naquela época restringia-se à esfera alimentar e baseava-se na abstenção do uso de alimentos advindos diretamente da morte de um animal, admitindo como integrante do vegetarianismo uma dieta que incluísse produtos de origem animal não resultante da morte de um animal (tais como leite, ovos e mel), ainda que os mesmos também acarretem danos aos animais não-humanos de quem são extraídos tais produtos, resultando, em última instância, na sua morte provocada.

Em 1959, na Grã-Bretanha, foi apresentado um protocolo visando mudanças no uso de cobaias em laboratório, conhecido como 3 Rs, na sigla em inglês (Redução, Refinamento e Substituição), visando o uso de menos cobaias e sua substituição por outros métodos, mas sem resultados práticos, desde então, o número de cobaias usadas em pesquisas científicas apenas tem crescido, naquele país e em todo o mundo.

Nos anos 1970, o trabalho de dois intelectuais ajudou a mudar o panorama da discussão sobre os direitos animais. O psicólogo britânico Richard D. Ryder, depois de ter participado em experiências com animais não-humanos, passou a advogar contra a prática e, em 1973, criou o conceito de especismo. Ryder defendia a atribuição de direitos aos não-humanos com base no conceito de senciência.

Em 1975, inspirado por Ryder, o filósofo utilitarista australiano Peter Singer publicou seu livro mais famoso sobre o tema, *Libertação Animal*, citado como grande influência por muitos dos ativistas contemporâneos. Singer, porém, não adota uma concepção de direitos animais, mas sim o princípio da igualdade de consideração de interesses. Além disso, ele adota como conceito central: a autoconsciência, à qual atribui diferentes graus, e afirma que a morte é um dano maior para seres humanos e grandes primatas que para outros animais não-humanos, postulando, em conseqüência, que a morte não é um dano em si, e que por esta razão, e também por razões estratégicas, os defensores dos animais devem concentrar-se em melhorar as condições de vida dos animais criados por seres humanos, razão pela qual Singer é situado no campo do bem-estarismo.

Também nos anos 1970 houveram as primeiras ações diretas de libertação de animais de fazendas de criação e laboratórios, e sabotagem dos mesmos, assinados pela ALF (Frente de Libertação Animal). Tais ações despertam grande controvérsia no movimento pelos direitos animais, sendo rechaçada como bem-estarista ou como estrategicamente inadequado por alguns ativistas. A ALF não se constitui numa organização em estrito senso, mas numa rede de grupos dispostos a levar adiante ações de libertação e sabotagem, contanto que cumpram as normas gerais básicas do grupo, dentre as quais, ser vegetariano e que nenhum animal – humano ou não-humano – seja ferido nas ações perpetradas em seu nome.

Em 1980 foi fundada, nos Estados Unidos, a PETA (Pessoas pelo Tratamento Ético de Animais), entidade que se notabilizou pelas ruidosas campanhas para promover o vegetarianismo, as quais costumam ser criticadas pela agressividade (como as que comparam a criação industrial de animais ao holocausto nazista e a que afirma que alimentar crianças com carne é uma forma de abuso), pelo sexismo na exploração de imagens de mulheres nuas e pela defesa de reformas bem-estaristas.

Também nos anos 1980 cresceu a vertente abolicionista do movimento em defesa dos animais, despertada pela expansão sem precedentes da exploração animal, com a conseqüente escalada de abusos, levando a uma percepção mais crítica e radical do paradigma bem-estarista e o foco na centralidade do problema da redução dos animais não-humanos à condição de objetos e propriedade dos seres humanos. O abolicionismo beneficiou-se da expansão do pensamento intelectual sobre os direitos animais e tem se dedicado, igualmente, à denúncia da incapacidade das reformas bem-estaristas em trazer melhorias relevantes nas condições de vida dos animais criados por seres humanos e em questionar os fundamentos da exploração animal. Seus principais teóricos são Tom Regan e Gary L. Francione.

Fox conseguiu levar o nosso pensamento sobre o vegetarianismo para um nível diferente. Ele está correto ao dizer que o vegetarianismo é mais do que uma dieta, que representa uma consciência particular sobre as questões fundamentais que envolvem a violência, as nossas obrigações diferentes para com os outros (humanos e não humanos) e para com o planeta em que vivemos. A teoria de Fox do "vegetarianismo profundo" é realmente uma abordagem à "estrutura profunda" das muitas vertentes de

pensamento diferentes que convergem e se expressam na nossa escolha para rejeitar a violência e para abraçar o parentesco com todos os seres sencientes como parte de nossas vidas diárias⁷.

O “vegetarianismo profundo” proposto por Fox traz o mesmo discurso que o veganismo, ou seja, é uma filosofia de respeito à vida não-humana, que reconhece o direito a uma vida digna a seres sencientes.

O veganismo além de ressaltar a necessidade de uma alimentação saudável que respeite os animais, também enfatiza a importância de preservar o solo e o uso correto da terra, para que futuras gerações não a encontrem com erosão, queimada, sem os minerais necessários para uma vida saudável. Os veganos confiam em métodos naturais (alimentação pura, ar fresco, sol, exercício etc.) ao invés de vacinas e medicamentos para manter corpo e mente saudáveis.

O uso de agrotóxicos e adubos químicos vai contra o princípio do veganismo e a agricultura vegana provou que são desnecessários quando o equilíbrio correto do solo for estabelecido. Frutas e verduras cultivadas com métodos veganos podem ser tão grandes e bonitas quanto aquelas cultivadas sob qualquer outro método (“vegano” não é o mesmo que “orgânico”, que utiliza sangue, osso, casco moído, chifre moído e outros subprodutos animais). Na visão vegana, também a contaminação da água com esgoto, resíduos industriais ou adição de flúor é contrária aos interesses da comunidade.

Devido à fé em *Ahimsa* (que em sânscrito significa: não matar, não machucar, energia inofensiva), muitos veganos tendem ao pacifismo e opõem-se a todos os tipos de atividade agressiva. Entretanto, o veganismo não tem ligação com nenhum partido nacional ou internacional, nem religião. Os veganos podem ser profundamente religiosos, talvez cristãos devotos ou discípulos de uma das várias outras religiões. Porém, isso não é requisito do veganismo, que é um estilo de vida preocupado em viver sem machucar os outros, humanos ou não-humanos.

Há vários caminhos para o veganismo e muitas teorias a seu respeito, mas o veganismo, em síntese, é um modo de viver que evita a exploração, seja ela: humana, animal ou do solo do qual dependemos para nossa existência. Veganos avaliam o fato de que muito mais alimentos vegetais do que os

⁷ Tradução livre. Gary L. Francione. Prefácio do livro *Deep vegetarianism*. Fox, 1999.

alimentos animais podem ser produzidos em uma área igual e no mesmo espaço de tempo. Segundo esta visão, o veganismo poderia livrar o ser humano da criação animal com toda a sua crueldade e muitas terras férteis seriam liberadas para ampla produção de alimentos destinados diretamente ao consumo humano. Essa questão é amplamente discutida no documentário holandês "*Meat the truth*"⁸ que aborda a questão do impacto ambiental da criação de animais para alimento.

Segundo informações de sites especializados, o maior número de pessoas que aderiram ao universo vegano foi por compaixão, um modo de viver sem machucar outros seres vivos. A maioria delas foi criada comendo carne, ovos, leite e peixe, porém perceberam que esta talvez não fosse a melhor maneira de viver. Mais tarde, algum fato desencadeou a decisão de mudar. Ou seja, o maior número de pessoas que aderem ao veganismo é composto por aquelas que se sensibilizam ao saberem que sua alimentação até então era dependente do sofrimento de animais que são criados e mortos para satisfazer uma necessidade que agora sabem não ser essencial. Para cada pessoa que se torna vegana existe um fato desencadeador. Atualmente existem documentários, sites, eventos, campanhas através de diversas mídias que procuram informar as pessoas sobre os benefícios do veganismo para os humanos e para o meio ambiente.

Veganos costumam ser questionados quanto a "ir tão longe" e porque o lacto-vegetarianismo, por enquanto, não é suficiente. Quanto a essa questão, os veganos argumentam que infelizmente poucos vegetarianos realmente se dão conta do nível atual de crueldade, não por falta de informação, mas por falta de interesse e compreensão. Diferente dos veganos, muitos vegetarianos estão principalmente preocupados com a saúde e aceitam o abate de animais na produção de carne, couro, queijo, etc. Na opinião dos veganos, não importa para o animal se será abatido para fornecer comida, medicamentos, roupa, esporte, objetos de luxo como ornamentos de marfim, bolsas de pele de jacaré ou um perfume exótico.

Entre as críticas dos veganos aos vegetarianos está o fato de que ao iniciar uma alimentação lacto-vegetariana, as pessoas costumam aumentar seu

⁸ Disponível em: <http://vista-se.com.br/redesocial/meet-the-truth-uma-verdade-mais-que-inconveniente/> Acesso em: 20/06/2010.

consumo de laticínios e ovos; isso significa que qualquer alívio do sofrimento para os animais existe mais na esperança do que no fato. Vegetarianos também podem não se dar conta de que o coalho utilizado para fermentar o queijo é obtido do estômago de um bezerro recém-abatido. Esses queijos, obviamente, não são lacto-vegetarianos e os veganos acreditam que essas contradições deveriam ser bem mais divulgadas.

Os produtos como biscoitos, bolos, massas prontas, pastéis, pudins, sopas enlatados, etc., geralmente contêm: manteiga, leite, mel, queijo, gorduras animais ou ovos. Além disso, do ponto de vista nutricional, são inferiores aos alimentos frescos, porque foram super-cozidos ou processados de alguma forma e porque provavelmente contêm alguns dos 800 aditivos usados na alimentação, como corantes, adoçantes, estabilizantes, conservantes, aromatizantes, etc⁹.

Mas o veganismo, como foi visto, não está somente preocupado com a alimentação. Os veganos deploram o abatimento ou a exploração de qualquer animal, qualquer que seja o motivo: alimentos, roupas, ornamentos, cosméticos, produtos domésticos, esporte, entretenimentos, medicamentos. Eles apresentam uma lista com muitos itens que demonstra o quanto os humanos estão acostumados a usar substâncias animais e a explorar todos os animais dos quais o homem pode extrair produtos para gerar lucro, sem considerar que são seres vivos sencientes e que, sob a visão dos veganos são seres com direito de viverem suas vidas sem estarem sob o domínio dos seres humanos.

Os veganos consideram esse estilo de vida um dever para com as futuras gerações. Contudo, vai levar muito tempo, no atual ritmo, para desfazer o resultado de erros passados, se é que isso é possível. Entretanto, diz Batt “quaisquer que sejam nossas ações, serão nossos herdeiros, mais do que nós, que colherão os resultados, bons ou ruins, daquilo que fazemos hoje, amanhã e depois, até deixar para eles o quê? Um deserto, a destruição ou um jardim abundante? A decisão é sua e é minha”¹⁰.

⁹ Revista Vegetarianos n° 10.

¹⁰ <http://www.taps.org.br/Paginas/vegetartigo07.html>. Eva Batt. Acesso em:13/05/2010

Segundo Guimarães¹¹, há muitos motivos para se adotar um estilo de vida vegano e também são muitas as formas como o veganismo é expresso, portanto, pode ser definido da seguinte maneira: um estilo de vida que evita toda forma de exploração e violência, sejam estas contra animais, humanos ou o planeta. Assim, poucas pessoas iniciam no veganismo por uma questão meramente de saúde, apesar de ser um aspecto importante deste estilo de vida e um dos melhores argumentos em seu favor.

O aspecto ambiental atrai a atenção de muitas pessoas que entram em contato com o veganismo pela primeira vez, recebendo a aprovação mesmo daqueles que se recusam a adotá-lo. O fato de mais alimentos vegetais poderem ser produzidos no mesmo espaço e com a utilização de menos recursos quando comparados com a produção de alimentos de origem animal é, dos argumentos a favor do veganismo, certamente o mais lógico e irrefutável¹².

Guimarães defende que a descoberta da realidade sempre traz consciência e a consciência traz moralidade. Cita como exemplo, a confusão de valores pela qual passa uma criança que tem que aprender que o boi, o porco, a galinha, tão dóceis e amáveis, são os heróis de seus filmes favoritos e, ao mesmo tempo, são também o seu jantar. "Como assim? Amigo e jantar ao mesmo tempo?" A criança pode não buscar descobrir, em um primeiro momento, como o seu herói ou amigo foi parar no prato de jantar. Talvez ela busque em sua fantasia uma forma "amigável" de se tornar jantar. Talvez eles sejam tão amigos e amáveis que eles voluntariamente sacrificam-se para alimentar seu amigo humano. Um verdadeiro ato de heroísmo. Mas eles logo buscam a verdade, quanto mais perto da realidade, mais perto da consciência. A criança pode lidar com uma explicação fantasiosa de como uma parte de um boi foi parar em seu prato, mas a realidade nua e crua de um matadouro não deixa espaço para fantasias. É consciência instantânea: comer um animal após ter visto um matadouro está imediatamente fora de questão. É natural perceber que algo está errado.

¹¹ <http://www.guiavegano.com/nutricao/george/george.html> George Guimarães é médico nutricionista. Acesso em: 13/05/2010

¹² <http://www.svb.org.br/vegetarianismo/> Acesso em: 20/05/2010

Além dos argumentos apresentados sobre a importância do veganismo, primando por uma postura ética em seu discurso (palavras) e em suas ações (coisas), segundo o relatório do programa ambiental da ONU (UNEP)¹³, uma mudança global para uma dieta sem alimentos de origem animal é vital para salvar o mundo da fome, pobreza e dos piores impactos da mudança climática. A previsão é de que a população mundial chegue a 9.1 bilhões de pessoas em 2050 e o apetite por carne e laticínios é insustentável.

A agricultura, particularmente produtos de carne e laticínios, é apontada no relatório da ONU como responsável pelo consumo de cerca de 70% da água doce do mundo, 38% do uso de terra e 19% das emissões de gases estufa.

Diz o relatório da ONU (p.82),

Espera-se que os impactos da agricultura cresçam substancialmente devido ao crescimento da população e o crescimento do consumo de produtos animais. Ao contrário dos combustíveis fósseis, é difícil olhar para alternativas: as pessoas têm que comer. Uma redução substancial de impactos somente seria possível com uma mudança de dieta, eliminando produtos animais.

O painel de especialistas categorizou produtos, recursos e atividades econômicas e de transporte de acordo com seus impactos ambientais. A agricultura se equiparou com o consumo de combustível fóssil porque ambos crescem rapidamente com mais crescimento econômico. Segundo o professor Edgar Hertwich, o principal autor do relatório da ONU, os produtos de origem animal causam mais dano ambiental que produzir minerais de construção como areia e cimento, plásticos e metais. Biomassa e plantações para animais causam tanto dano quanto queimar combustível fóssil.

O Relatório da ONU de 2010 corrobora com a proposta do veganismo. No entanto, as mudanças ainda são muito lentas e pouco significativas no sentido de diminuir o impacto da produção e do consumo dos objetos criados diariamente pelos humanos.

Os produtos disponíveis para o consumo dos veganos geralmente têm preços mais elevados, além de existirem poucas opções e faltarem

¹³ Relatório da ONU 2010. Disponível em:
<<http://www.guardian.co.uk/environment/2010/jun/02/un-report-meat-free-diet>> Acesso
12/06/2010

informações sobre diversos produtos quanto à composição, origem e modo de produção.

Na verdade, parece que os designers não têm interesse em projetar para este tipo de consumidor que compra menos e ainda questiona sobre diversos aspectos do produto. Mas o número de vegetarianos vem crescendo. Conforme o último senso, de 2010, entre os brasileiros 10% diz ser vegetariano. Não havia a opção para veganos, além disso, após a divulgação dessa informação, muitas pessoas vegetarianas e veganas se manifestaram dizendo que não foram entrevistados nesse senso. Assim, estima-se que o número de vegetarianos seja maior que 10% entre a população brasileira.

Considerações finais

O solo epistemológico que orienta o desenvolvimento humano a partir do uso indiscriminado do ambiente natural para a satisfação das necessidades básicas e as criadas a cada novo projeto de produto/serviço está sendo revisto diante da constatação de que existe algo de errado neste modelo de construção da humanidade.

Esta revisão que está ocorrendo no século XXI, pode estar relacionada com as grandes catástrofes naturais, ou seja, todo conhecimento humano desenvolvido não é capaz de conter, por exemplo, a força de grandes inundações que devastam imensas áreas principalmente urbanas, onde se concentram o maior número de humanos. Se essas mudanças climáticas tem a ver ou não com o modo de exploração do ambiente natural ainda é um grande debate entre os senhores da ciência. Mas a parte desse debate, a proposta do veganismo sempre teve relação de maior cuidado com o ambiente natural. O sentido desse cuidado não tem relação direta com a sobrevivência humana e sim com uma escolha por uma visão mais crítica sobre esse modelo de mundo construído, que criou uma relação de domínio dos humanos sobre o ambiente natural.

No discurso, ser e viver de acordo com veganismo pode ser um caminho para o design de uma humanidade sustentável. Na prática, as coisas são muito mais complexas, principalmente com a previsão de que em pouco tempo no planeta existirão em torno de 9 bilhões de humanos consumindo a Terra. Então

fica a questão: como o design vai contribuir para construir uma humanidade sustentável?

Referências

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Coltrix, 1996.

_____. **As conexões ocultas: ciência para uma vida**. São Paulo: Cultrix, 2002.

CHICK, Anne. **A handbook and source guide on design and the environment**. Zurich: 2003.

COLBORN, Theo, DUMANOSKI, Dianne e MYERS, John Peterson. **O futuro roubado**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

FOX, Michel Allen. **Deep vegetarianism**. Philadelphia: Temple University, 1999.

SINGER, Peter. **Vida Ética: os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. **Libertação Animal**. Porto Alegre: Lugano, 2004

STEPANIAK, Joanne. **The VEGAN Sourcebook**. Los Angeles: Lowell House, 2000.

TAYLOR, Paul W. **Respect for Nature: a theory of environmental ethics**. 2. impress with corrections. New Jersey, Princeton: Princeton University Press, 1987.

Revista Super Interessante, 18ª edição, Outubro de 1999.

Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/?p=5745>> acesso: 20/07/2010

Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Veganismo>> acesso: 20/07/2010

FELIPE, Sonia. Ética e radicalidade. Artigo na Coluna Questão de Ética.

Disponível em: <<http://www.anda.jor.br/?p=5745>> Acesso 10/12/2010.

Disponível em: <<http://www.vegetarianismo.com.br/artigos/carne-imperio-romano.html>> Acesso 10/06/2010.

Disponível em: <<http://www.vegsoc.org/news/2000/21cv/ages.html>> Acesso 08/05/2010.

Disponível em: <<http://www.vegsoc.org/members/history/150hist.html>> Acesso 15/05/2010.

Disponível em: <<http://www.ivu.org/history/museum.html>> Acesso 10/05/2010.

Disponível em: <<http://www.vegetarianismo.com.br/artigos/veg-na-antiguidade->

greco-romana.html> Acesso 18/05/2010.

Disponível em:

<<http://www.vegetarianismo.com.br/artigos/HistoriaDovegetarianismo.html>>

Acesso 17/05/2010.

Disponível em: <<http://www.veterinaria-nos-tropicicos.org.br/suplemento11/17-21.pdf>> Acesso 10/05/2010.

Relatório da ONU 2010. Disponível em:

<<http://www.guardian.co.uk/environment/2010/jun/02/un-report-meat-free-diet>>

Acesso 12/06/2010

Disponível em: <<http://www.guiavegano.com/nutricao/george/george.html>>

George Guimarães é médico nutricionista. Acesso em:13/05/2010

Disponível em: <<http://www.anda.jor.br>> acesso: 20/03/2011